



SALVADOR E SUAS CORES [2020]
Ensino, pesquisa e extensão das relações étnico-raciais nos cursos
de arquitetura e urbanismo em África e Brasil

PATRIMÔNIO MATERIAL E IMATERIAL DE COMUNIDADES AFRO- BRASILEIRAS: ARQUITETURA DE TERREIROS

BIANCA GOMES DE SÁ¹

Resumo: Os terreiros brasileiros são grandes centros culturais onde a fomentação da cultura de matriz africana é a coluna para sua existência e resistência em meios urbanos. O estudo da arquitetura popular contrapõe à epistemologia europeia, e viabiliza o conhecimento de muitas comunidades não aparadas e desconhecidas socialmente. A arquitetura promovida por casas de Candomblé oferece respostas materiais e imateriais a perguntas propostas sobre as atividades ancestrais negras que eram promovidas para acalentar e ressignificar a vida e costumes no Brasil. O ensaio se dá em três fases, contextualização cultural, identitária e analítica sobre o patrimônio dos terreiros; desenvolvimento dos históricos de terreiros, análises arquitetônicas simbólicas utilizando composição e leis de composição com aparato fotográfico e ilustrativo; fechamento conclusivo sobre a existência ou inexistência de segmentos arquitetônicos nas fachadas e construções Afro-Brasileiras.

Palavras-chave: Arquitetura popular, Terreiros, Casas de Candomblé.

1. Introdução:

Este artigo pretende trabalhar com a salvaguarda de bens materiais e imateriais de comunidades afro brasileiras, tendo como seguimento base a análise da Arquitetura de terreiros, sendo eles descendentes de matrizes africanas. É de importância salientar que como diz RAMOS(2018,p.21), para trabalhar com as tradições religiosas de matriz africana é preciso despir-se de um imaginário branco, ocidental e cristão, e abrir-se para outra dimensão na qual a subjetivação, a crença e a política, enquanto colocar-se como sujeito político no mundo, são umbilicais. E partindo desse pressuposto, despir-se também da ideia essencialista – também discurso branco de legitimação da cultura negra – de que para ser religião afro-brasileira precisa transcender uma África no Brasil, ou seja, é importante pensar nessas religiões como não estáticas, mas como dinâmicas e claramente mutáveis com o passar do tempo imensurável, por nossa tradição cristã e materialista.(RAMOS, 2018, p. 21).

É escasso o estudo sobre a Arquitetura e costumes culturais de matriz africana no âmbito acadêmico de Arquitetura e Urbanismo do Centro Oeste, em vista que os índices do

¹ Centro Universitário Euro Americano. Email: Biancagomes108@gmail.com



SALVADOR E SUAS CORES [2020]
Ensino, pesquisa e extensão das relações étnico-raciais nos cursos
de arquitetura e urbanismo em África e Brasil

corpo discente que ingressam e possuem sapiência no meio de Arquitetura e Urbanismo da cultura Afro-Brasileira é minoria.

A incógnita sobre a produção da Arquitetura popular e do patrimônio imaterial cultural gerado dos costumes de matrizes negras no Brasil ainda gera invisibilidade a esses assuntos dentro do meio acadêmico.

O monumento trabalha e mobiliza a memória coletiva por meio da emoção e da afetividade, fazendo vibrar um passado selecionado, com vistas a preservar a identidade de uma comunidade étnica, religiosa, nacional, tribal ou familiar. (CHOAY, 1996, p. 4-5).

Dito isso, será abordado no ensaio o estudo sobre as diferenças e semelhanças arquitetônicas e culturais de Terreiros. O estudo de caso será nos terreiros localizados nas cidades de São João de Meriti - RJ, Salvador - BA, Laranjeiras - SE, Cachoeira - BA e será embasado por documentação fotográfica e gráfica com enfoque em segmentos materiais e imóveis.

É de importância que se possa ter seguimento e valorização de um bem imaterial para a população Afro-brasileira, a documentação de tradições, costumes, significâncias arquitetônicas e culturais de uma arquitetura popular pouco visada, tendo em vista outras matrizes religiosas no Brasil. O patrimônio imaterial se torna de maior importância o registro e criação de uma documentação seja ela gráfica ou/e teórica, do que propriamente o ato de intervir e restaurar.

A pesquisa consiste em, a partir de um embasamento teórico e prático. Motiva-se identificar: **Quais são os elementos básicos da arquitetura religiosa de matriz africana, sua representatividade e lógica organizacional?**

O objetivo geral é criar material para estudo sobre terreiros e arquitetura popular, com análises dimensionais. Serão abordadas como metodologia de trabalho detalhar as lógicas organizacionais de cada terreiro, documentar, catalogar patrimônios materiais e imateriais, analisar os espaços existentes nos terreiros e com esses materiais concluir



SALVADOR E SUAS CORES [2020]

Ensino, pesquisa e extensão das relações étnico-raciais nos cursos
de arquitetura e urbanismo em África e Brasil

quais são os elementos básicos, seus diferenciais, semelhanças e representatividades Afro-Brasileiras nos terreiros. O ensaio será de cunho exploratório, utilizará ferramentas gráficas e instrumentos de análises dimensionais citados no livro “Ensaio sobre o desempenho morfológico dos lugares”. A primeira etapa será realizada por meio de fotografias pesquisadas digitalmente, serão utilizadas como base para documentação, catalogação, observação e desenhos. Sequencialmente o grafismo irá especificar e analisar, por meio de desenhos digitais, os contrastes e concordâncias.

2. Referencial teórico

As definições a seguir neste ensaio são decorrentes de pesquisas e conhecimentos transmitidos através da fala, percepção e, sobretudo, motivadas pela curiosidade. Buscou-se que seu referencial teórico abrangesse com incidência pesquisas de intelectuais negros que exerçam presença dentro da academia, transpassando assim a epistemologia do conhecimento e da cultura negra.

2.1 Identidade e cultura:

A compreensão sobre identidades sociais e a conceituação de cultura se tornam indispensáveis para a compreensão integral das análises do patrimônio material e imaterial. Segundo Serra(2019) a cultura engloba todos os comportamentos sociais e suas formas tangíveis e intangíveis. Afirma que a cultura reporta modalidades históricas de organização social, maneiras de agir e pensar características de um determinado grupo ou sociedade humana (SERRA, 2019).

A identidade social por outro lado torna-se subversiva pendendo do modo que se é utilizada. Essa identidade pode ser a entrada para a compressão de nossas singularidades. Identidade é aquilo que se faz passar a singularidade de distintas maneiras de existir por um só (GUATTARI, 1986, p.68). A utilização destes termos não sugere uma desvinculação entre eles, a cultura não propõe uma estigmatização. Ao final, termos esbarram em um denominador comum, em um limite, a arquitetura e cultura não admitem representações generalistas e denominações homogeneizantes (VELAME, 2012, p.23).



SALVADOR E SUAS CORES [2020]
Ensino, pesquisa e extensão das relações étnico-raciais nos cursos
de arquitetura e urbanismo em África e Brasil

Adjunto a estes conceitos a arquitetura afro-brasileira é uma criação complexa. A compreensão de como sua cultura é espelhada em sua arquitetura e a simbologia que terreiros podem transpassar vai além da mercantilização étnica.

2.2 Arquitetura de terreiros

Arquitetura de terreiros, intitulada ambigualmente como arquitetura popular, será tratada neste ensaio sendo, além de popular, erudita. Uma arquitetura que apresenta técnicas, estéticas e saberes populares. Essa arquitetura pode ser vinculada a música, a técnica popular do chorinho e do samba, como cita Serra(2019), em um pequeno recorte em que fala sobre os estigma do Erudito versus Popular.

Já me deleitei e ainda me deleito com virtuosos do chorinho, do samba, de várias artes musicais do povo. Sempre me espanto com sua técnica e com a dimensão de seu repertório. Conheci violeiros que além de uma prodigiosa capacidade de improviso facilmente memorizavam cantorias “clássicas”, que sabiam glosar e comentar. O improviso do violeiro, além de agilidade mental, requer um vasto conhecimento de fórmulas, de esquemas rítmicos, de tropos de toda uma arte poética. Não hesito em dizer que um violeiro frequentemente é um erudito, um artista refinado. (SERRA,2019,p.15).

A arquitetura Afro-Brasileira de terreiros constitui-se entre margens, invisibilizadas e também descaracterizadas ao passar do tempo. Alguns dos terreiros urbanos brasileiros foram inicializados por escravos alforriados ou domésticos ou de ganho que transitavam pelos centros das cidades, afunilando suas relações interpessoais com o espaço. Ao intermédio dessas relações os centros brasileiros começam suas reurbanizações e perseguições aos povos de terreiro. Estes sujeitos que vivem às margens, que são moldados, enquadrados e descaracterizados também promovem arquiteturas efêmeras, intangíveis, artísticas e simbólicas.

2.3 Análises



SALVADOR E SUAS CORES [2020]

Ensino, pesquisa e extensão das relações étnico-raciais nos cursos
de arquitetura e urbanismo em África e Brasil

Segundo Kohsdorf(2017), a qualidade simbólica dos lugares se instala quando eles têm a função latente de representar algo ausente. Essas representações são nomeadas e evidenciadas como dimensões morfológicas, que compreendem os espaços e sensações que eles podem transmitir. A dimensão morfológica a ser explorada para a análise destes patrimônios traz consigo as leis gestalt. É necessário compreender a relação interpessoal do ser humano com o espaço e evocações significativas. Apesar das construções de espaços simbólicos que se tornam transculturais serem veículos latentes da expressividade simbólica, sua avaliação e análise se fazem a partir da ponderação entre mundo real e mental aplicando assim atributos da gestalt e considerando expectativas visuais e simbólicas.

Doravante a sintetização das análises simbólicas em conjuntos materiais que transpassam a matéria estática, coloca-se que a análise a ser feita nos conjuntos expressivos simbólicos dos terreiros tem sua singularidade. A arquitetura a ser analisada transpassa incontestavelmente a arquitetura material palpável. Constituindo um espaço de existência única.

3. Contextualização

3.1 Identidade

Para se falar de uma arquitetura que é, além de tantos outros adjetivos, cultural, é preciso que se entenda algumas diferenciações conceituais, e como esses conceitos atingem a diáspora Afro Brasileira. O Candomblé e sua arquitetura serão entendidas neste artigo como culturais e não como identidades sociais. Por meio da escrita de Serra(2019), pode-se respaldar que,

Resumir um indivíduo ao rótulo de uma identificação singular, mais que uma simplificação absurda, resulta em uma autêntica mutilação. Trata-se, em geral, de se estabelecer uma diferença cortante, de forma compulsória. E de impor um estigma.(SERRA, 2019, p.55)



SALVADOR E SUAS CORES [2020]
Ensino, pesquisa e extensão das relações étnico-raciais nos cursos
de arquitetura e urbanismo em África e Brasil

Esta afirmação vem ao texto de Guattari(1986), onde se é exposto que a identidade social exclui formas de singularidade que se é dada à um ser humano e que ambos conceitos, cultura e identidade, são reacionários.

A identidade social tratada popularmente para que a sociedade se encaixe em padrões da homogeneização, singulariza e objetifica todos que circundam uma sociedade, sendo assim a visibilidade de um corpo no meio urbano é enquadrada. Tendo em vista o entendimento dos estigmas das identidades sociais, pode-se colocar que a identidade em atualidades totalitárias e de desconhecimento se abrange para áreas definitivas de repúdio e de definições egocêntricas, ou seja, promovem definições étnicas e reducionistas.

Embasadas nessas definições o corpo negro e sua cultura são perversamente consolidados e empurrados à margem de uma sociedade. A arquitetura de terreiros em muitos territórios ainda é vista como um ato de resistência, e apesar de toda luta já vivenciada desde o regime escravagista, percebe-se ainda uma estrutura que constrói um imaginário sobre a população negra contendo perspectivas excludentes, discriminatórias e veladas nas mais variadas dimensões: social, econômica, política, cultura, entre outras.

3.2 Cultura

A cultura e a identidade social são uma encruzilhada, onde a cultura contrapõe a visão de mundo da identidade, e tende a ressaltar as singularidades das nossas características onde criamos nichos e repertórios de nossas vivências e saberes, tais repertórios transpassados por ancestrais atemporalmente.

A cultura e sua conceituação se estendem por serem polissêmicas e inesgotáveis. (SERRA, 2019). Trata-se de um complexo imaginário de memória produzido por seres humanos, sua reverberação transpassa todos os modos de pensamentos, sendo singular a todos. A cultura com toda sua complexidade e inesgotabilidade se torna não um objeto, mas uma entidade de valor interminável. A polissemia encontrada em sua



SALVADOR E SUAS CORES [2020]
Ensino, pesquisa e extensão das relações étnico-raciais nos cursos
de arquitetura e urbanismo em África e Brasil

conceituação causa estranhamento por não ser algo tangível e rígido. Muito se peca em algumas das imposições postas atualmente com discursos refutativos sobre a cultura. Tornou-se uma narrativa banal, onde foi colocada como um bem palpável, estático e homogêneo. O que se pode dizer e se evidenciar sobre a cultura é que não é um bem que molda, é uma narrativa flutuante, fluida, relacional. É um bem que percorre os canais de história.

Preservar estes complexos imaginários polissêmicos é preservar a memória dos fatos e também coletiva, as distinções de características e seus valores intermináveis. A partir deste recorte sobre cultura é possível subverter as amarras do patrimônio imaterial e material que acompanham a construção do imaginário e da mutação transitória dos bens materiais.

3.3. Candomblé

O candomblé no Brasil nasceu em meio a práticas religiosas majoritariamente eurocêntricas, como o catolicismo, sua prática era repelida, pois se tratavam de costumes africanos trazidos por escravos. Dentre essa realidade entendida por muitos ancestrais, o candomblé e os costumes afro-brasileiros se tornaram durante a escravatura, atos de coragem. Os escravos relacionavam os santos católicos aos orixás para que pudessem manter ainda assim seus costumes que eram considerados errôneos e pagãos. A construção do vocábulo “candomblé” se deu a partir de reuniões feitas durante o processo de abolição da escravatura. Eram reuniões cultuadas por escravos e ex-escravos que circulavam pelo centro e zonas rurais das cidades e com isso tinham acesso às casas de culto. As reuniões foram intituladas como Candomblé.

Os rituais no candomblé são denominados como celebrações, festividades e principalmente como ritual, a conhecida gira, em esquema:



SALVADOR E SUAS CORES [2020]
Ensino, pesquisa e extensão das relações étnico-raciais nos cursos
de arquitetura e urbanismo em África e Brasil

O sagrado remete toda a sua simbologia física para se tornar de fato intangível. Podese citar o banho de ervas, feito pelo sagrado, a existência de uma situação de modo sistêmico para se validar o ato. Para o profano o ato pode ser feito com a colheita da mesma erva, com o mesmo preparo do banho mas sem suas qualificações sagradas.

A imaterialidade de um terreiro também está em sua construção física, antecedendo todos os anseios de uma comunidade, o imaginário e seu ato de construir estão interligados por diversas e infinitas simbologias existentes no monumento. Sendo assim o patrimônio intangível dos povos Afro-Brasileiros é único, singular, imutável e atemporal. O valor material de um terreiro extrapola a matéria física, com todo seu aparato ancestral, simbólico, cultural e mutável. Uma obra de arte do sagrado.

3.5. Terreiros

Um terreiro vem a ser um centro religioso e uma forma tradicional de assentamento que sedia um grupo eclesial estruturado segundo as normas de um rito afro-brasileiro. A palavra é dicionarizada, tendo este sentido particular reconhecido e seu emprego verifica-se comum na vasta etnografia especializada. (LÉPINE, 1982: 68, s. v., BECKER, 1995, s.v. SERRA, 2008).

3.5.1 Materialidade

Os terreiros Afro-Brasileiros são templos, sua arquitetura é simples, mutável e sua preservação é produzida de uma forma diferenciada de qualquer outra construção ou monumento. Os terreiros de Candomblé originaram-se desde a chegada de escravos ao Brasil.

Estes espaços de culto atualmente podem ser localizados em centros urbanos, verticais (terreiros de laje) ou horizontais (terreiros de roça), sofrem mutuamente com a expansão urbana e especulações imobiliárias, são empurrados para fora dos grandes centros urbanos e perdem áreas sagradas de mata e espaço de culto.



SALVADOR E SUAS CORES [2020]
Ensino, pesquisa e extensão das relações étnico-raciais nos cursos
de arquitetura e urbanismo em África e Brasil

A materialidade de um terreiro anda genuinamente em conjunto aos seus bens imateriais e crenças transpassadas no tempo, alguns rituais são ressignificados para a nova formatação da arquitetura de terreiros verticais.

Os ambientes dos terreiros são construídos e projetados com a potência dos babalorixás, ialorixás, orixás e toda sua comunidade, a significância enquanto terreiro inexistente sem o sagrado, talhado nas mãos de cada pessoa que coadjuva com axé a construção conjunta que é o espaço de terreiro.

Todo seu espaço, sua mutabilidade e seu construto são formados e significados pelo axé de seu orí e de sua comunidade. A arquitetura, o simbolismo e o belo desses templos permeia todo e qualquer conceito que transpasse o olhar superficial.

A expressividade material é um dos maiores símbolos do Candomblé, os rituais necessitam de materialização, como adornos, lanças, jarros de barro, plantas, assentos e outras materialidades que são privadas de um terreiro e sua comunidade. A arquitetura de terreiros é protetora e forma um conjunto com os bens materiais e imateriais de um terreiro.

4. Desenvolvimento

4.1 Histórico dos terreiros analisados

As casas de Candomblé analisadas com seus patrimônios intangíveis neste capítulo são: **Sociedade de Cultos Afro-Brasileiros Filhos de Obá**, de nação Nagô, localizada em Laranjeiras - SE; **Ilê Axé Opô Afonjá**, de segmento Nagô e de rito Ketu, localizada em São João do Meriti - RJ; **Ilê Axé Itaylé**, de segmento Nagô-Vodum, localizada em Cachoeira – BA.



SALVADOR E SUAS CORES [2020]

Ensino, pesquisa e extensão das relações étnico-raciais nos cursos de arquitetura e urbanismo em África e Brasil

4.2 Sociedade de Cultos Afro-Brasileiros Filhos de Obá



O terreiro Filhos de Obá está localizado em Laranjeiras, município de Sergipe. Não se sabe ao certo a história de sua origem, o que existe são ensinamentos transpassados pelo tempo. Relatos antigos remetem que o terreiro filhos de Obá foi originalmente moldado e plantado seu axé na rua Porto dos Oiteros, também em Laranjeiras, e que fora feito por ancestrais escravos Africanos. Há entre estes ancestrais a atuação sobressaída da até então escrava, Maria Joaquina da Costa, reconhecida com Ta Joaquina que possivelmente Figura 2 -era Nigeriana, natural da cidade de Obá em Benin. Fachada principal Terreiro Filhos de Obá. Fonte: Juliane Barbosa, 2016.

A sociedade Afro-Brasileira Filhos de Obá é uma comunidade do Orixá Obaluaê e tudo que se é cultuado e produzido pelo terreiro passa e é carregado por Obaluaê, não se produz ou se cultua sem permissão do Orixá.



SALVADOR E SUAS CORES [2020]
Ensino, pesquisa e extensão das relações étnico-raciais nos cursos
de arquitetura e urbanismo em África e Brasil

4.3 Ilê Axé Opô Afonjá



Figura 3 - Fachada principal do Ilê Axé Opô Afonjá. Fonte: Inepac, 2016.

Ilê Axé Opô afonjá está localizado em São João de Meriti, Rio de Janeiro, e é uma casa de Candomblé do Orixá Xangô. A narrativa de sua origem é transpassada pela oralidade entre suas lalorixás e filhos de santo, o terreiro tem uma forte história de reconhecimento, criação e plantação de axé, que começa com sua fundadora Mãe Aninha, originária da Bahia.



Figura 4 - Mãe Aninha e Mãe Agripina, lalorixás. Fonte: Inepac, 2016.



SALVADOR E SUAS CORES [2020]
Ensino, pesquisa e extensão das relações étnico-raciais nos cursos
de arquitetura e urbanismo em África e Brasil

4.4 Ilê Axé Itaylé



Figura 5 - Fachada principal do Ilê Axé Itaylé. Fonte: Velame, 2009.

A casa de Candomblé Ilê Axé Itaylé foi constituída por Mãe Filhinha em 1935 com suporte de seu Pai de Santo. Mãe Filhinha relata que aguardou sete anos para ter permissão de bater Candomblé em sua Casa.

Ilê Axé Ataylé é regido por dois Orixás, Iemanjá Ogunté e Ogum, suas cores fazem reverencia aos seus Orixás. A casa de Candomblé de Mãe Filhinha torna-se Terreiro em 1935, com sua plantação de Axé. Nesta época os espaços do Terreiro eram transitórios, seu barracão possuía formato circular e eram compostos de chão batido, vedações eram feitas de palha e folha de bananeira, a proteção de seus filhos e de todos que participavam das celebrações era atuação do Mariô, feito com “olho” de Dendê.

A expansão da casa era desempenhada de modo fragmentado, inicialmente necessitava-se a divisão de quartos para orixás para a manutenção e permanência do axé plantado no terreiro, sucessivamente quartos para iniciação de novos filhos. Com o aumento e procura de atendimentos de cura era indispensável que se atribuísse um espaço para um novo barracão permanente que fosse brando para as celebrações.

5. Análises Morfológicas



SALVADOR E SUAS CORES [2020]
**Ensino, pesquisa e extensão das relações étnico-raciais nos cursos
de arquitetura e urbanismo em África e Brasil**

As análises morfológicas neste ensaio levam em consideração a arquitetura popular e seu saber erudito que imperceptivelmente contemplam. Ressalta-se que as percepções são contempladas com a dimensão Expressivo-Simbólica, utilizando as leis Gestalt, análises compositivas e os estímulos causados a percepção.

A lei Gestalt será utilizada para a análise da composição de planta baixa, podendo assim classificar a unidade, segregação, unificação, fechamento, continuidade e proximidade do arranjo arquitetônico proposto. Os agrupamentos materiais das fachadas serão analisados com as leis Gestalt, Semântica e de Composição, que abrange ordem, estímulo e desordem da estruturação proposta.

As análises feitas não contemplam ares de verdades absolutas sobre suas significâncias, pois essas são mutáveis a cada casa de Candomblé e suas variações.

5.1 Arquitetura de Terreiros – Material

5.1.1 Filhos de Obá

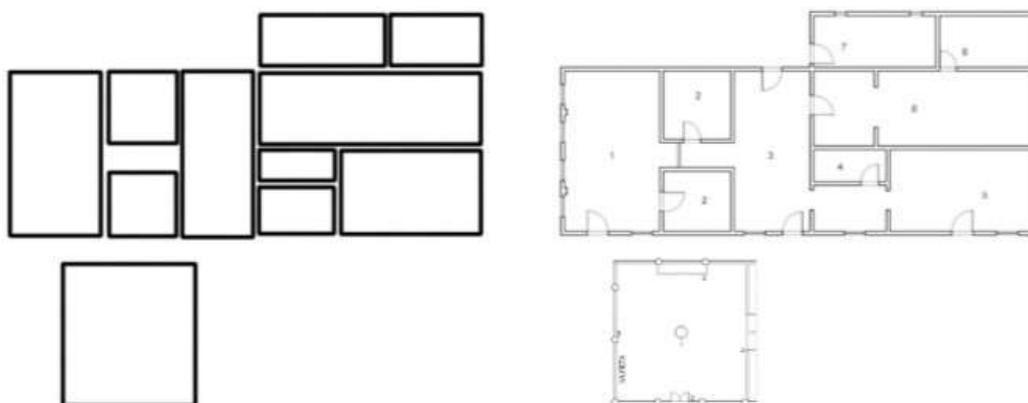


Figura 6 - Planta Baixa do Terreiro Filhos de Obá e composição de planta. 1. Museu comunitário; 2. Quartos; 3. Sala de reunião; 4. Banheiro; 5. Cozinha; 6. Quarto orixás; 7. Sala de apoio.
Fonte: Composição, Autora. Planta baixa, acervo pessoal Filhos de Obá.

A sociedade afro-brasileira filhos de Obá apresenta planta baixa elevada em relação ao nível de sua localidade. A composição da planta baixa proporciona um entendimento rápido, com acessibilidade de circulação entre os espaços relacionados ao terreiro. Notase que os acessos a áreas sagradas privadas contem fechamento e é desprovida de opções para a circulação.



SALVADOR E SUAS CORES [2020]
**Ensino, pesquisa e extensão das relações étnico-raciais nos cursos
de arquitetura e urbanismo em África e Brasil**

A relação entre cheios e vazios oferece espaços com boa utilização. Enquadrada na Lei Gestalt, a planta oferece: 1.Unidade entre os locais propostos, com diferenciação entre o espaço de celebrações e o espaço privado, mantendo seu distanciamento e organização dos elementos. 2.Continuidade, marcada pelo fluxo proposto entre os espaços, sendo eles majoritariamente retangulares, possuem fluidez no caminhar de forma sequencial. 3. Fechamento, a planta possui claro fechamento, indicando os ambientes de aglomeração, passagem e permanência. 4. Proximidade, analisando a composição da planta como blocos, a harmonia entre a proximidade dos espaços é extremamente coesa entre os locais de apoio existente no terreno.

A figura criada com a composição dos espaços do terreiro Filhos de obá oferece uma ordem lógica de funcionamento, com uma planta equilibrada de espaços médios e pequenos. A curiosidade é um composto que aparece na figura se a considerássemos 3D, abrangendo o caminhar do pedestre e a curiosidade para reconhecer sua sequência de ambientes.

5.1.2 Ilê Axê Ataylé



Figura 7 - Composição e planta baixa do Terreiro Ilê Axê Ataylé. 1-varanda, 2-sala, 3-quarto de Mãe Filhinha, 4- corredor, 5-quarto dos orixás, 6-cozinha, 7-sanitário, 8-mata sagrada, 9- quarto de Ogum, 10-ronco, 11-barracão, 12cozinha ritual, 13-quarto de Exu, 14-despensa, 15-Tempo, 16-quarto, 17-casa, 18-galinheiro, 19- barracão de Cabloco, 20-Obaluaiê, 21-cabloco Taquara.. Fonte: Planta baixa, Velame. Composição, autora.



SALVADOR E SUAS CORES [2020]
**Ensino, pesquisa e extensão das relações étnico-raciais nos cursos
de arquitetura e urbanismo em África e Brasil**

A composição do terreiro Ilê Axé Ataylé remete às construções populares que ao longo do tempo foram formuladas conjuntamente com a necessidade. Sua composição permite o entendimento das estruturas que vieram originalmente e suas sucessões. O arranjo disposto nos mostra uma rota acessível comum à maioria dos ambientes do terreiro e suas divisões, espaços de festividades com configurações maiores a todos os outros volumes presentes no terreno e uma grande área promovida para ofícios do Candomblé, a casa de atividades da lalorixá complementa essa área.

Semelhante à composição do Terreiro Filhos de Obá, os ambientes sagrados privados fazem ligação a área de transição principal. As dissemelhanças referentes à composição se fazem com as áreas de festividades voltadas para ambientes sagrados privados e a lógica organizacional de toda a planta baixa.

Perante a Gestalt, os elementos com forte incidência no arranjo composto por cheios e vazios da planta baixa se referem a: 1. Continuidade, o acesso principal garante a visibilidade de toda a extensão da rota e seus espaços propostos pelo terreiro; 2. Segregação, os espaços do arranjo fazem clara alusão para até 3 componentes de segregação. A composição se segrega notoriamente pela área de acesso principal que “corta” todo segmento do terreiro; 3. Fechamento, o terreno com sua composição de cheios e vazios remetem ao fechamento da fluidez do pedestre e o composto de uma planta baixa geral em formato retangular.

5.1.3 Ilê Axé Opô Afonjá

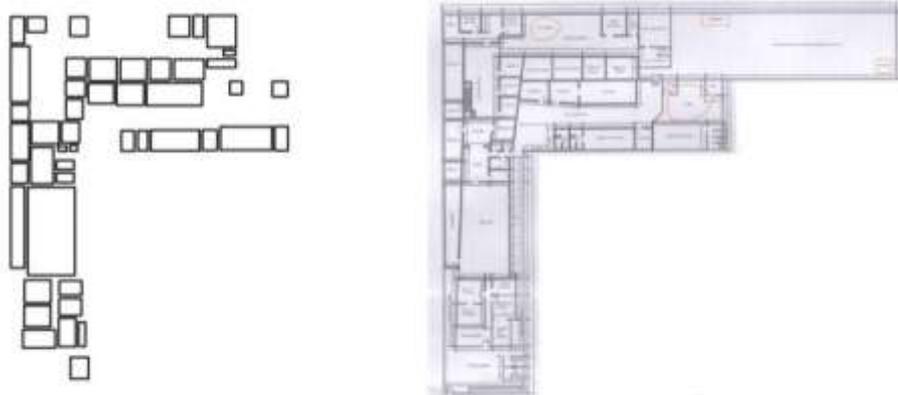


Figura 8 - Composição e Planta Baixa do Terreiro Ilê Axé Opô Afonjá. Fonte: Planta, Inepac. Composição, autora.



SALVADOR E SUAS CORES [2020]
Ensino, pesquisa e extensão das relações étnico-raciais nos cursos
de arquitetura e urbanismo em África e Brasil

A disposição do terreiro Ilê axé Opô Afonjá é diferenciada, sua composição em L o destaca visualmente e sua área de aproveitamento se torna maior.

A configuração é formada majoritariamente por pequenos volumes que compõem áreas sagradas privadas. Os maiores volumes existentes são voltados para fluidez de acesso, aglomeração e festividades.

Áreas privadas ficam ao fundo do terreiro, como quartos, cozinha, vestiários e locais de apoio do barracão. Este é seu maior volume e se dispõem como local de acesso aos ambientes. Torna-se um espaço além de festividades. Sua configuração proporciona uma radialidade entre as atividades propostas. Pode-se traçar uma reta imaginária que compõem um amplo corredor interligando suas atividades diversas.

Semelhante às análises dos terreiros filhos de obá e ilê axé ataylé, o Ilê axé Opô Afonjá dispõem os quartos de santo (performados por pequenos volumes) áreas de acesso restrito onde a única ligação é para áreas de trânsito.

O relacionamento entre cheios e vazios interage nesta composição sendo vazios áreas de respiro e cheios áreas com alta ocupação. Esse arranjo pode ressaltar desordem. Apesar de sua configuração poder proporcionar confusão, ela demonstra uma organização grupal, onde ambientes menores ficam aglomerados e se distanciam por meio de áreas maiores.

A Gestalt da composição nos mostra que a disposição da planta baixa sugere 1. Continuidade, podendo ser traçada a reta de fluidez entre as atividades; 2. Proximidade, proporcionando forte ligação entre os ambientes; e 3. Unidade, em áreas de menores volumes.

5.2.0 Composição de Fachadas

As fachadas de cada terreiro serão avaliadas conforme os estímulos de sua composição, podendo gerar uma aproximação dos entendimentos visuais das pessoas comuns no



SALVADOR E SUAS CORES [2020]
**Ensino, pesquisa e extensão das relações étnico-raciais nos cursos
de arquitetura e urbanismo em África e Brasil**

meio antrópico, gerando aproximadamente a fachada que seria denominada com maior agradabilidade visual. A avaliação é ministrada pela composição de cada fachada podendo cada uma conter: Ordem e estímulo: organização entre elementos arquitetônicos, estímulos visuais e foco de atenção; Ordem e pouco estímulo: organização entre elementos, pouco estímulo visual e monotonia; e Desordem: comprometendo visualização e ordem, sem organização de elementos.

As ilustrações são compostas por estudos de fotografias dispostas nos desenvolvimentos apresentados². O terreiro Iyá Nassô Oká, por sua extensão, não contém registros fotográficos de sua fachada como um todo, motivando assim a utilização de fotografias em perspectivas.

5.2.1 Sociedade de Culto Afro Brasileiro Filhos de Obá-

A composição da fachada principal do Terreiro Filhos de Obá apresenta Ordem e pouco estímulo



.Figura 9 - Composição de Fachada e elementos compositivos do Terreiro Filhos de Obá. Fonte: autora.

5.2.2 Ilê Axé Ataylé

O arranjo composto pela fachada do Ilê Axé Ataylé promove: Ordem e estímulo.

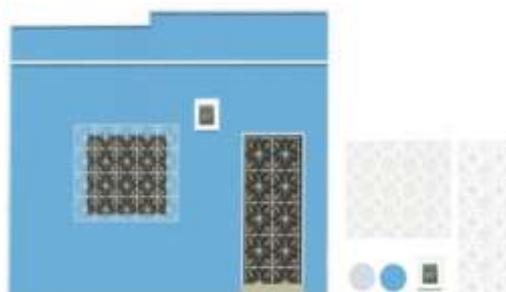


Figura 10 - Composição de Fachada e elementos compositivos do Terreiro Ilê Axé Ataylé. Fonte: autora.

² Visualizar figuras 1, 2, 4 e 5.



SALVADOR E SUAS CORES [2020]
Ensino, pesquisa e extensão das relações étnico-raciais nos cursos
de arquitetura e urbanismo em África e Brasil

5.2.3 Ilê Axé Opô Afonjá

A configuração de fachada do Ilê Axé Opô Afonjá direciona Ordem e estímulo

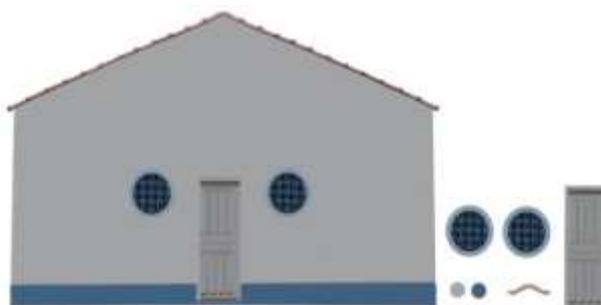


Figura 11 - Composição de Fachada e elementos compositivos do Terreiro Ilê Axé Opô Afonjá. Fonte: autora.

5.3 Utensílios, Adornos, Matas, Cortejos e Plantas sagradas – Imateriais

Os utensílios imateriais são apresentados em formato de catalogação, a análise desses objetos como bens estáticos desprovidos de sua mutabilidade é incoerente, pois apesar de serem objetos, adornos, matas, cortejos e plantas, bens palpáveis, sua significância transpassa a materialidade. As figuras apresentadas como imateriais fazem parte do conjunto arquitetônico dos terreiros, com isso os bens também são tombados, não por sua materialidade, mas pelo contexto inserido dentro das tradições, costumes e representatividade.

5.3.1 Sociedade de Culto Afro Brasileiro Filhos de Obá



Figura 12 - Entrada do terreiro Filhos de Obá. Fonte: Juliane Barbosa, 2016.



SALVADOR E SUAS CORES [2020]
Ensino, pesquisa e extensão das relações étnico-raciais nos cursos
de arquitetura e urbanismo em África e Brasil

O acesso ao terreiro Filhos de Obá é protegido pelo Mariô, normalmente o mariô é visto em todos os acessos dos terreiros aqui analisados.. A cima do portal de entrada localizase um jarro de barro, que não é capturado na figura, oxê do orí da casa de candomblé.



Figura 13 - Em primeiro plano, fachada do barracão, em segundo plano acesso ao museu. Fonte: Juliane Barbosa, 2016.

No terreiro, logo em sua entrada, o barracão recebe seus visitantes, seus utensílios internos não podem ser fotografados, pois há diversidade de objetos simbólicos pertencentes ao ritual da gira.



Figura 14 - Da esquerda para direita - início, meio e fim da trilha que leva ao espaço de celebrações privadas. Fonte: Juliane Barbosa 2016.

No terreno do Filhos de Obá existe uma reserva que representa sua “roça” onde se propiciam a plantação de ervas e árvores sagradas. Na figura existem espécies como a Espada de São Jorge, colocada ao início, ao final da trilha e ao redor do espaço de celebrações. A planta com nome popular “Espada de São Jorge” é colocada para proteção, impedindo a estrada de maus espíritos.

Está mata representa os segredos do terreiro, algumas áreas da mata são sagradas e privadas para manter o axé intocado e o local puro, sem interferências de olhares externos despreparados.



SALVADOR E SUAS CORES [2020]

Ensino, pesquisa e extensão das relações étnico-raciais nos cursos de arquitetura e urbanismo em África e Brasil



Figura 15 - Gameleira Branca, Orixá Irocó Fonte: Juliane Barbosa, 2016.

A Gameleira Branca se encontra em maioria das Casas de Candomblé existentes. É entendida como o Orixá Irocó

5.3.1 Sociedade de Culto Afro Brasileiro Filhos de Obá – Cortejo – Aniversário da lalorixá



Figura 16 - Vestimenta utilizada para representar a Orixá Oxum. Fonte: Erea Raízes, 2019.

O cortejo relatado aconteceu no ano de 2019, em Laranjeiras, as religiões de matrizes afro-brasileiras em algumas regiões do Nordeste são bem aceitas e mantêm sua liberdade de expressão sem represálias. A homenagem é direcionada a lalorixá do Terreiro Filhos de Obá e a celebração do terreiro, foi realizado pelas ruas de Laranjeiras com a performance de orixás e a presença de seus filhos de santo.

A vestimenta, figura 21, é sagrada e utilizada para performance da Orixá Oxum, sua utilização é feita por pessoas que se encontram em hierarquia a cima dos iniciantes.



Figura 17 - Flores e Canjica utilizadas durante o cortejo. Fonte: Acervo pessoal.



SALVADOR E SUAS CORES [2020]
**Ensino, pesquisa e extensão das relações étnico-raciais nos cursos
de arquitetura e urbanismo em África e Brasil**

As flores e o milho de canjica utilizados no cortejo referenciam oferendas que são de preparo sagrado ofertado aos orixás.



Figura 18 - Início do cortejo pelas ruas de Laranjeiras. Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 19 - Início do cortejo, performance dos orixás Nanã e Xangô. Fonte: Erea Raízes 2019.

Na figura 24 são representados dois Orixás, Nanã, em primeiro plano, e Xangô, em segundo plano, com suas vestimentas, adornos e elementos. A iconografia existente nas performances é ligada ao sagrado. Suas cores, elementos e trejeitos.



Figura 20 - Celebração e dança feita durante ao cortejo. Fonte: Acervo pessoal.

A celebração, figura 25, é proporcionada durante o cortejo, com cantigas e danças ela gira em sentido horário. Percebe-se a vestimenta dos filhos de santo, seus adornos na cabeça para a proteção de seus orí. A parada do cortejo para a celebração foi feita em frente a fachada principal de uma igreja católica e lá foram despejadas as canjicas e flores como forma de oferenda aos santos que representam orixás.



SALVADOR E SUAS CORES [2020]

Ensino, pesquisa e extensão das relações étnico-raciais nos cursos de arquitetura e urbanismo em África e Brasil

5.3.3 Ilê Axé Opô Afonjá



Figura 21 - Gameleira Branca, Orixá Irocó. Fonte: inepac, 2016.

As instalações do Ilê Axé Opô Afonjá apesar de serem longas, seus segredos permanecem isolados dentro de suas estruturas e de seus espaços. A gameleira Branca, Orixá Irocó recebe oferendas e seus Oxês aos seus pés.



Figura 22 - Utensílios sagrados em destaque dos orixás oxum, iemanjá, Logun, Edé e Xangô. Fonte: Inepac, 2016, Ilustração, autora.

Estes utensílios, figura 34, são utilizados durante as performances para representar cada orixá e seus abebés, são sagrados e ficam sob a guarda dos Babalorixás e lalorixás.



Figura 23 - Cadeiras de Orixás, respectivamente de Xangô e Obatalá. Fonte: Inepac, 2016.

Os assentos de orixás são extremamente importantes aos rituais e as celebrações, representam o axé de cada pessoa, e são bens sagrados privados, não se pode sentar sem que se siga a hierarquia pois as cadeiras contêm o axé de cada pessoa.



SALVADOR E SUAS CORES [2020]
Ensino, pesquisa e extensão das relações étnico-raciais nos cursos
de arquitetura e urbanismo em África e Brasil

A hierarquia se tem segmentos em suas colocações, normalmente começam com a maior hierarquia no centro e a partir do centro coloca-se para direita e esquerda as hierarquias menores. O assentos são utilizados também para a realização da gira.

6. Considerações finais

Ao findar das análises e a disposição de conteúdos gerados, a respectiva resposta ao contexto motivador da pesquisa: **“Quais são os elementos básicos da arquitetura religiosa de matriz africana, sua representatividade e lógica organizacional?”**, pode vir a ser sanada. A arquitetura Afro-Brasileira é regida por seus elementos básicos não materiais, as arquiteturas dos terreiros de candomblé analisados neste ensaio representam muito pouco da totalidade da diversidade das casas e de seus cultos. Os elementos imateriais comuns que fazem parte da composição de terreiros são normalmente Mariôs, Abebés, Oxês, vestimentas para a performance dos orixás em seus cortejos e rituais, assentos respeitando as hierarquias, decorações para a representatividade do orixá dono da casa, a demarcação do centro do espaço em barracões, para que a gira aconteça em torno e sentido horário, as cores brancas representativas, figuras e esculturas de santos e orixás.

Na mata são encontradas árvores sagradas, como a Gameleira, o orixá Irocó, plantas como a Espada de São Jorge, ervas medicinais para cura de seus frequentadores, dentre várias espécies que não foram catalogadas neste ensaio, oferendas e oxês. Os compostos arquitetônicos estudados dão a compreensão que os espaços de terreiros e suas construções são de arquitetura simples, remete à arquitetura colonial, vedações estreitas, barracão com muretas para a visualização de quem acompanha as giras, celebrações e festividades, ambientes para plantações e matas, grandes espaços para circulação, suas fachadas são simples, como arquitetura residencial e espaços com pouca ventilação, privados.

Todas as construções são singulares, sem segmentos arquitetônicos definidos, atemporais, repassadas em conjunto entre filhos, pais e mães de santo. Sem a noção de significância dos espaços o conjunto arquitetônico de um terreiro perde sua razão. As



SALVADOR E SUAS CORES [2020]
Ensino, pesquisa e extensão das relações étnico-raciais nos cursos
de arquitetura e urbanismo em África e Brasil

composições de fachadas são próximas na estética, todas com cores claras e vedações sequenciais estreitas. Em análise a composição de fachada do Ilê Axé Opô Afonjá e Ilê Axé Ataylé são as de mais pregnância e possuem ordem e estímulo.

Bibliografia:

ABREU, Regina. CHAGAS, Mário. **Memória e patrimônio, ensaios contemporâneos.** 2009.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio.** 2006.

KOHLSDORF, Gunter; KOHLSDORF, Maria Elaine. **Ensaio sobre o Desempenho Morfológico dos lugares.** Brasília: FRBH, 2017.

SERRA, O.J.T. **O simbolismo da cultura.**

SANTOS, M.V.M, **O tecido do tempo: a ideia de patrimônio cultural no Brasil (1920 - 1970).** Tese (Doutorado) - Departamento de antropologia, UnB, Brasília, 1992.

SANTOS, Milton. **As Metamorfoses do espaço habitado.** São Paulo: Hucitec, 1988.

VELAME, Fábio. **Arquitetura da ventura, os terreiros de candomblé de Cachoeira e São Félix.** Tese (Doutorado) Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo, UFBA, Bahia, 2012.

VELAME, Fábio. **Arquitetura da ancestralidade Afro-Brasileira.** Bahia: EDUFBA.